

ONDE ESTÃO AS ESTRELAS (NA TERRA)?¹

Aline Soares de Almeida²
Marta Estela Borgmann³

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão acerca do filme “Como estrelas na terra”, dirigido por Aamir Khan. Tem como foco a análise reflexiva sobre a aprendizagem de sujeitos que apresentam distúrbios e/ou transtornos de aprendizagem e como os professores se portam diante da diversidade de sujeitos nas escolas. As questões que norteiam as análises são: Como os educadores conhecem as inúmeras formas de aprender de seus alunos? Como identificam os talentos que seus alunos apresentam? Ou melhor, até que ponto estes educadores têm tempo e capacidade de conhecer cada aluno quando as salas são superlotadas? Também repensar como a escola recebe estes alunos com dificuldade de aprendizagem, pelo simples fato de depositarem toda a responsabilidade aos educadores e o fracasso no aluno. Todas estas perguntas indagadas tem uma resposta o professor independente das salas superlotadas, entre outras questões deve dar ao máximo para auxiliar seu aluno independente de sua dificuldade, se o professor não sabe vai buscar na pesquisa, saber como solucionar tais problemas e não ficar sempre achando um culpado para tudo.

Palavras-chaves: dificuldade de aprendizagem; mediação; escola.

Introdução

O presente trabalho apresenta reflexão sobre questões implicadas no processo de aprendizagem e a inclusão escolar de crianças com distúrbios de aprendizagem a luz do filme “Como estrelas na terra” para discutir e refletir sobre a diversidade dos sujeitos presentes em nossas escolas.

O filme foi escolhido por mostrar com clareza a realidade em nossas escolas como as escolas/professores se portam ao receber um aluno com Transtorno Funcionais Específicos (TFE), um receio ao “diferente”, sendo este diferencial que os obriga a pesquisar novas formas de ensinar.

¹Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da UNIJUÍ.

²Acadêmica do Curso de Pedagogia da UNIJUÍ.

³Professora Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

É mais fácil uma sala de aula com alunos “iguais/normais”, pois assim não se tem grandes preocupações, tanto no ambiente escolar quanto familiar. Família e escola não se preocupam, pois suas crianças não apresentam nada de anormal.

Isso é bem o que se retrata no filme uma criança disléxica não compreendida pela família muito menos pelos seus professores, pois ambos não sabiam como lidar com o menino que não aprendia a ler nem escrever. Desta forma, família e escola o rotularam de preguiçoso, desinteressado, mas em momento algum procuraram ajudá-lo, só sabiam condená-lo. Até que a salvação do menino é um professor interessado em ajuda-lo (este homem que atua no filme como o professor Ram é o escritor e diretor do filme).

Embora a política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, traga como sujeitos os que têm deficiência, Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) e Altas Habilidades (AH), existe, também, uma infinidade de alunos que se encontram em situação de exclusão por não acompanhar o processo educativo, como os que apresentam Transtornos Funcionais Específicos (disléticos, dislalia, discalculia, disgrafia, TDHA, hiperatividade).

O filme em questão (Como estrelas da terra, de Aamir Khan) relata a história de um menino (Ishaan Awasthi) que sofre com dislexia, estuda numa escola normal, é repetente e corre o risco de repetir o ano novamente e, assim, ser expulso da escola. O mesmo, com apenas 9 anos de idade, não consegue acompanhar a turma, e em casa também não é compreendido, pois o pai o rotula de preguiçoso e indisciplinado, não percebendo que ele apresenta um distúrbio de aprendizagem. Além da rigidez do pai, a criança sofre com o despreparo dos professores e colegas.

Após várias reclamações o pai é chamado pela diretora da escola e decide colocar Ishaan em um internato, pensando assim solucionar o “problema”. O menino sem entender o que está acontecendo, sofre por pensar em estar sendo castigado por suas dificuldades de aprendizagem. Com isso se desmotiva, perdendo o interesse por coisas que adorava fazer, como pintar, deixando de ser uma criança alegre e brincalhona. A escola para qual foi levado mantinha uma filosofia voltada à disciplina, onde as regras não poderiam ser descumpridas.

Nesse internato Ishaan sofreu vários castigos por não acompanhar as atividades propostas pelos professores: ficar ajoelhado do lado de fora da porta da sala de aula, palmatórias e agressões verbais na frente dos demais alunos...

Com a chegada do professor Ram Shankar Nikumbh, que vem para substituir o professor de artes, abrem-se novas possibilidades, pois ele apresenta uma metodologia diferente da praticada, uma vez que acredita nas diferentes habilidades e potencialidades de cada criança, e faz de suas aulas momentos divertidos/alegres e de aprendizagem.

E, ao conhecer Ishaan as coisas começam a se modificar para ambos. O professor, por trabalhar no turno inverso na Escola Tulipa de Educação Especial, percebe que há algo de errado com o menino e começa a investigar sua história. Vai até a casa dele para conversar com seus pais, e, percebendo a resistência dos mesmos em relação ao que estava acontecendo com o menino, pede permissão ao diretor do internato para (fora dos seus horários de aula), trabalhar com Ishaan ajudando-o com diferentes métodos pedagógicos a aprender a ler e a escrever. O menino, a partir daí, se sente motivado e se empenha nos estudos mostrando que é capaz de aprender mesmo tendo dislexia a exemplo de grandes pesquisadores famosos que o professor havia mostrado em aula, inclusive o próprio professor Ram.

Ishaan demonstra seus progressos no momento em que o professor Ram proporciona um concurso de artes para toda a comunidade escolar e o menino vence seu mestre e tem seu desenho impresso na agenda anual da escola, tendo também de contracapa o desenho feito pelo professor que era o rosto de Ishaan mostrando sua superação.

A partir desse momento o pai, rígido e inseguro, percebe que mesmo seu filho apresentando este problema conseguira desenvolver suas habilidades dentro de suas possibilidades.

Neste sentido, torna-se indispensável ter maior clareza no entendimento do processo de inclusão, bem como a total importância da formação de seus educadores, visando assim facilitar o trabalho nas escolas atendendo a diversidade existente, de forma que todos tenham melhores condições de aprendizagem e evoluir dentro daquilo que lhes é possível.

Estrelas na Terra: Será Possível?

A educação especial assume, a cada ano, mais importância no contexto social na perspectiva de atender as crescentes exigências de uma sociedade em processo de renovação e busca incessante da democracia, que só será alcançada

quando todos os sujeitos, indiscriminadamente, tiverem acesso à informação, ao conhecimento e aos meios necessários para a formação de sua cidadania plena. A educação especial, em seu primeiro momento, caracterizava-se pela segregação e exclusão das pessoas que apresentassem algum tipo de deficiência na sociedade, logo as pessoas com necessidades especiais eram simplesmente ignoradas, evitadas, abandonadas ou encarceradas, sendo muitas vezes eliminadas. Com o passar dos tempos, a Educação Especial ressignifica sua forma de ver os sujeitos e traz a inclusão como modo de pensar a escolarização destes sujeitos.

Estrelas no céu, pessoas na terra, peixes na água. Esta é a ordem! Da mesma forma a sociedade cria regras e normas e privilegia situações idealizadas. A ideia da inclusão começou como um movimento de pessoas com deficiência e seus familiares na luta pelos direitos de igualdade e participação na sociedade. A maioria desses direitos começa a ser conquistado a partir da educação, sendo que a escola, para muitos é colocada como um lugar que ensina princípios para a cidadania e para o desenvolvimento do indivíduo.

As escolas trazem para si uma diversidade de sujeitos: pobres, ricos, pretos, brancos, altos, baixos, gordos, magros e também pessoas com dificuldade de aprendizagem, mas todas as dificuldades encontradas nesse espaço de ensino, como diz Bulgarelli (2011) “diversidade é o conjunto de diferenças e semelhanças que nos caracterizam, não apenas as diferenças”. Tendo em vista isso o professor necessita repensar sua ação educativa, fazendo com que a mesma contemple as necessidades de todos os educandos. Trazendo para sua sala de aula uma vasta gama de diversidade cultural, mostrando para os educandos como somos, cada um com sua cultura. Desta forma podemos dizer que somos todos diferentes, mas nessa diferença temos os mesmos direitos e deveres. Somos todos cidadãos.

A diversidade não pode ser um obstáculo para uma melhor qualidade do trabalho do professor, e sim um auxílio para o sucesso do mesmo. Como trabalhar essa diversidade se não incluindo? A inclusão é vista como resultado do gesto de incluir fazendo com que todos se sintam acolhidos em suas singularidades e diferenças.

Este filme, como referido anteriormente, nos faz pensar a possibilidade de visualizarmos os brilhos que cada sujeito apresenta. E porque não, encontrarmos estrelas na terra.

Descobrimo seu Lugar

Dislexia é um transtorno genético e hereditário da linguagem, de origem neurobiológica, que se caracteriza pela dificuldade de decodificar o estímulo escrito ou o símbolo gráfico. A dislexia compromete a capacidade de aprender a ler e escrever com correção e fluência e de compreender um texto. Em diferentes graus, os portadores desse defeito congênito não conseguem estabelecer a memória fonêmica, isto é, associar os fonemas às letras.

A causa do distúrbio é uma alteração cromossômica hereditária, o que explica a ocorrência em pessoas da mesma família.

Os sintomas variam de acordo com os diferentes graus de gravidade do distúrbio e tornam-se mais evidentes durante a fase da alfabetização. Entre os mais comuns encontram-se as seguintes dificuldades: para ler, escrever e soletrar; ter entendimento do texto escrito; identificar fonemas, associá-los às letras e reconhecer rimas e aliterações; decorar a tabuada, reconhecer símbolos e conceitos matemáticos (discalculia); escrever ortograficamente (troca de letras, inversão, omissão ou acréscimo de letras e sílabas) - disgrafia; ter organização temporal e espacial e coordenação motora.

No filme *Como estrelas na terra*, Ishaan inicia sua vida de estudante numa escola regular de classe média cujo projeto pedagógico estava voltado para o êxito na vida escolar e profissional – formar bons cidadãos e futuros profissionais bem sucedidos, coincidindo com os desejos das famílias. Como não tem êxito, é sugerido a busca de uma escola especial. Este encaminhamento causa desespero nos ideais do pai que não admite. Buscando uma escola em regime de internato e extremamente rigorosa em sua disciplina. Lá o menino também sofre e entra em depressão. Mas, em determinado momento, para salvação do menino, o professor de arte que era o mais autoritário se afasta e para sua substituição vem um professor de artes que trabalhava concomitantemente em uma escola especial. O filme retrata esta relação demonstrando uma prática de inclusão.

A dificuldade de leitura e escrita que o menino apresentava foi representada várias vezes no filme quando Ishaan, na escola, não conseguia “sair do chão”, e dizia que as letras e números eram dançarinos, se mexiam na hora em que ele tentava ler. Também não conseguia escrever corretamente, sempre fazia trocas.

Igualmente não conseguia fazer qualquer tipo de cálculo e, muito menos, escrever os números de forma correta. Para exemplificar, citamos as falas:

- Posso ter um minuto de sua atenção, Ishaan?
- Ishaan! Eu disse página 38, capítulo 5, parágrafo 3.
- Leia a primeira sentença e destaque os adjetivos.
- Apenas leia as frases.
- Elas ... estão dançando.
- Ah, estão dançando?
- Então leia as letras dançarinas.
- Engraçadinho, né? ...
- Leia em alto e bom som...
- BLABLABLA... – o menino começa a falar alto som de letras desencontradas.
- Saia da sala! Fora! Garoto sem vergonha.

Estas evidenciam a falta de formação dos educadores em receber educandos com dificuldades de aprendizagem.

A imaginação do menino era criativa, fazia desenhos fantásticos, podendo ilustrar sozinho um livro onde mostrava claramente a separação com sua família.

Ishaan não sabia se localizar em uma simples ordem de atividade, mas um dia cansou dos insultos de sua professora e resolveu sair da aula e ir passear pelas ruas da cidade, durante seu longo passeio observou tudo que acontecia em seu redor, após o passeio retornou para o seu transporte para voltar para casa, se comportando como um adulto responsável.

As Políticas Públicas da Inclusão

No filme, o professor Ram, em uma conversa com o diretor do internato, menciona que a inclusão é universal, como podemos ver na conversa dos dois:

- Senhor preciso falar com você sobre um aluno.
- Ishaan Awasthi. Terceiro D. Aluno novo.
- Há já sei. Os outros professores também reclamaram.
- Não acho que ele vá durar o ano.
- Não, senhor, ele é um garoto brilhante.
- Apenas tem um problema com a leitura e a escrita.
- Você deve ter ouvido falar de dislexia?
- Você facilitou a minha vida.
- Estava me perguntando o que diria ao seu pai.
- Bom... bom...
- Então uma escola especial é o seu lugar.
- Não, senhor, ele é uma criança com inteligência acima da média.
- Ele tem todo o direito de estar em uma escola normal.
- Tudo o que ele precisa é da nossa ajuda.

- E no mundo todas as crianças, não importa o problema que tenham, estudam juntas.
- Na verdade até meus alunos do Tulipa (escola de educação especial) têm o direito de estar em qualquer escola.
- Estou apenas repetindo o que diz a lei de nosso país.
- A lei "Educação para todos" lhes dá esse direito.
- O problema é que poucas escolas a seguem.

A inclusão total e incondicional dos alunos com deficiência não se restringe apenas a eles, mas a todo e qualquer cidadão, não há prioridade para qualquer sujeito, exigindo, então, uma ruptura do sistema e dos modelos e não uma adaptação a eles. Neste processo, as transformações são profundas, e a sociedade precisa adaptar-se às necessidades desses sujeitos, gerando uma atenção maior a necessidade de todos.

Assim sendo, a inclusão adequada é aquela que não separa quem é mais ou menos privilegiado, mas que enxerga a sociedade como um todo, na sua globalidade, enriquecida pela diversidade que a permeia. Principalmente, opta-se nos processos educativos pela inclusão, partindo do pressuposto de que a ela não está ligada a simples agregação de pessoas rotuladas como diferentes, e, desta forma, são reconhecidas as limitações que esse ciclo impõem, e as nuances que o expõe como objeto de questionamento.

A Constituição Federal de 1988 traz em seu corpo, o princípio de igualdade, gerando reflexões acerca da inserção de todas as pessoas no processo educativo. No que diz respeito à garantia de acesso à escola independente da condição intelectual ou física de cada sujeito. A Constituição marca o caráter de inclusão, pois a partir deste momento os ditos "excepcionais" não podiam ser vistos como desculpa para justificar o fato de que uma criança estivesse fora do ambiente escolar.

Em seguida, no ano de 1990, a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também promove discussão acerca do compromisso social de garantir escolarização de qualidade a todas as crianças e adolescentes, lutando pela não exclusão escolar. Para tanto, a escola precisaria rever diariamente suas práticas, ser flexíveis as mudanças sociais e estar atenta ao combate de trabalho infantil, violência doméstica e exploração sexual, enfim, de todos os atos que fossem danosos ao pleno desenvolvimento dos sujeitos.

Partindo deste enfoque em 1994, foi criada a Declaração de Salamanca, com o objetivo de esclarecer princípios, políticas e práticas na área das

necessidades educativas especiais. O documento oficial foi adaptado à terminologia educacional brasileira sendo alterado o termo “necessidades educativas especiais” para “necessidades educacionais especiais” e, da mesma forma, a expressão “integrada” ou “integradora” foi substituída por “inclusão”. Este documento assegurava que:

Nas escolas inclusivas, as crianças com necessidades educacionais devem receber todo o apoio extra que elas possam requerer para garantir sua educação eficaz. A escolarização inclusiva é o meio mais eficaz para se formar solidariedade entre crianças com necessidades especiais e seus colegas. O sucesso da escola inclusiva depende, consideradamente, de identificação, avaliação e estimulação precoce das crianças (UNESCO, 1994, p. 24).

A necessidade de mostrar limites e possibilidades para a inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais se faz claramente no Brasil, desde 1996 com a Lei de Diretrizes e Base nº 9394, quando traz em seu art. 58 que as pessoas com necessidades especiais, devem e têm o direito, quando possível, de estar preferencialmente no ensino regular, o que gerou necessidade de criar estratégias e adaptações ao currículo escolar regular.

A Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva surge no ano de 2008. A esta política pública se atribuem os méritos de pensar uma prática pedagógica voltada para a inclusão geral, fazendo e definindo quem são os sujeitos da educação especial, garantindo o direito de ter o atendimento educacional especializado.

Posteriormente a estas reflexões sobre os grandes marcos regulamentadores da educação especial, observa-se importantes avanços quanto ao direito de igualdade de oportunidades para o acesso ao ensino regular e ao Atendimento Educacional Especializado de alguns segmentos, ao fato de o plano de atendimento educacional especializado integrar a proposta pedagógica da escola, aos sistemas, por assegurarem condições de acesso ao currículo promovendo a utilização dos sistemas de comunicação e informação, materiais didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários equipamentos, aos transportes e aos demais serviços.

Tendo em vista tais demandas, percebo que as escolas em geral ainda têm necessidades de se adaptar, pois a burocracia no processo de adaptação é muito

lenta, uma vez que demora bastante tempo para sair as liberações de verbas para modificação das escolas que não têm grande acessibilidade, o que dificulta o trabalho dos educadores.

A escola e a família sabem que o papel de ambas é fundamental e que a parceria é muito importante. O apoio da família, professores e os profissionais é importantíssimo para o trabalho de inclusão, pois a verdadeira inclusão exige rupturas em seu sistema, envolve todos os excluídos não somente os educandos com necessidades específicas.

A primeira reação dos pais ao saberem que têm um filho especial é perguntarem-se: - Por que isso aconteceu comigo? – O que fiz para merecer isso? Fato que gera conflito sobre o ideal de filho perfeito, ou seja, o filho “normal”, depositando, assim, toda sua confiança e expectativa de melhora ou progresso deste filho na escola e, principalmente, nas mãos do professor.

Com os professores não é diferente, porque, também, se sentem sozinhos sem saber o que fazer, nem como agir, e se perguntam inúmeras vezes – O que trabalhar com esta criança? – Como trabalhar? E, sem achar respostas, acabam negando estes alunos, não por não quererem os mesmos ou por má vontade, mas sim por se sentirem desqualificados para contribuírem no sucesso da aprendizagem deste educando, pelo fato de a família depositar toda sua confiança e esperança em cima dele.

O professor ao continuar com seu papel de mediador e não facilitador da aprendizagem, pode buscar seus próprios meios (respeitados os seus limites) para solucionar situações difíceis e problemas de ordem pedagógica, enfrentado os desafios a ele propostos. O primeiro passo e um dos mais valiosos deste trabalho é a afetividade, que sempre deve estar presente no trabalho com o educando com necessidades específicas.

O sujeito necessita se sentir respeitado, aceito pelo grupo, pelos professores e funcionários da escola, sentindo-se parte da mesma. O professor precisa trabalhar com esse aluno a sua própria imagem e aceitação do seu eu, pois ninguém é feliz se não for respeitado e admirado. Pode destacar as potencialidades do sujeito quando do enfrentamento de dificuldades, pois não bastam espaços físicos adequados, currículo adaptado, equipe multidisciplinar se ele não for respeitado em suas potencialidades e individualidades.

Por tudo isso, entende-se que a escola deve ressignificar suas funções políticas, sociais e pedagógicas, aprimorando suas ações para garantir uma melhor qualidade de vida aos sujeitos. Como fez o professor Ram, ao descobrir que Ishaan era dislexo, trouxe para a sala de aula vários exemplos de pesquisadores de renome como: Einstein, Tomás Edson entre outros que também sofreram com a dislexia em sua vida. Trabalhando desta forma com Ishaan, seus colegas e a escola em geral que suas dificuldades não era um “bicho de sete cabeças”, poderia, sim, desenvolver suas potencialidades e ser feliz.

Entretanto sabemos que vivemos num mundo real e é preciso olhar o contexto em que estes sujeitos são recebidos, salas de aulas lotadas, um único professor e sem qualificação para trabalhar com a inclusão, escolas sem acessibilidade, discriminação, faltas de AEE (Atendimento Educacional Especializado), falta de monitor e de melhor qualificação dos professores.

Mediante todas essas dificuldades, pensamos que o sistema de ensino em geral deveria trabalhar de forma conjunta, pois a lei está colocada, mas não é sustentada de forma adequada. Acreditamos que só assim poderão ser amenizados e/ou solucionados os problemas encontrados no cotidiano da inclusão.

Como Olhar o Diferente?

Atualmente com a grande demanda de alunos com Transtorno Funcionais Específicos (TFE) nas escolas, percebe-se que os educadores têm procurado se informar o máximo possível sobre as dificuldades de aprendizagem. Mas, mesmo com tanta informação, estão perdidos em relação ao como trabalhar com estes sujeitos, pois é bem o que se apresenta em “Como estrelas na terra”, onde os professores da antiga escola de Ishaan não davam importância quando ele falava que as letrinhas dançavam no caderno e nos livros e eles achavam que o menino era preguiçoso, insultando-o na frente dos demais colegas e o retiravam da sala de aula.

Infelizmente estas mesmas atitudes são vistas também fora da ficção, o que nos remete a perguntar: até que ponto os educadores estão preparados para receber os sujeitos com dificuldade de aprendizagem e buscar novos conhecimentos e possibilidades para fazer um trabalho digno destes sujeitos?

Esta busca por novas possibilidades foi o que fez Ram ao conhecer a história de Ishaan (antes de ser levado para o internato), ou seja, como era a vida do menino em sua antiga escola e com sua família, pois tinha consciência de que o ato de aprender, pela sua complexidade, exige um estudo que ultrapassa as raias da cognição, se encaminha para o afetivo/emocional, mergulha no social, se expande através do cultural, nos deixando perplexos frente a tal diversidade e à característica única que possui cada sujeito.

Como afirma Piaget (1990, p. 12):

É uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, na medida em que se acrescenta algo, ficará mais sólido, ou à montagem de um mecanismo delicado, cujas fases gradativas de ajustamento conduziram a uma flexibilidade e uma mobilidade das peças tanto maiores quanto mais estável se tornasse o equilíbrio.

Retomemos ao fato que Ram trouxe para uma das suas aulas exemplos de pessoas famosas que tinham dislexia e conseguiram ter sucesso na vida, para mostrar aos demais professores do internato, que achavam que o menino não era capaz, aos colegas e ao próprio Ishaan que já estava desacreditado de sua capacidade, que o menino seria capaz de ser inserido na sociedade.

Incansável para tentar ajudar o menino, o professor procura o diretor do internato, para explicar qual é a dificuldade de Ishaan, se propondo em suas horas vagas a dar aulas particulares para ele, e assim se inicia uma incessante luta pela superação.

É Possível Inverter a Ordem!

No momento em que o professor Ram consegue inserir Ishaan no grupo, lança o desafio de um concurso de pintura (atividade a qual o menino mais amava fazer), para toda a comunidade escolar. Para que desta forma pudesse ser comprovado a todos que mesmo com essa diferença (dificuldade de aprendizagem) tudo é possível, basta acreditar.

Os desenhos deveriam ser feitos a partir da imaginação de cada participante, sendo que o professor apenas dava a folha, o restante do material ficava a critério de cada um.

Com a chegada do menino, o professor, com muita felicidade, lhe entrega a folha e este se retira dos demais para fazer seu desenho, desenho este colorido com as tintas que havia ganhado de seu irmão e ainda não tinha aberto pois tinha perdido a vontade de pintar, a pintura feita foi um menino a beira de rio. O professor também faz seu desenho: uma imagem do menino como um vencedor, com um sorriso estampado no rosto.

Ao final do concurso a mestre (guru) de Ram anuncia que houve um empate entre dois desenhos, mas que, sem sombra de dúvida, o aprendiz vence seu mestre, ou seja, Ishaan vence seu professor. Como dissemos anteriormente, o desenho do menino vira capa da agenda anual da escola, e o do mestre a contracapa como bibliografia do menino.

Da mesma forma que a superação do menino foi emocionante a todos aqueles que viram seu crescimento, também foi a de sua família, principalmente a de seu pai que não acreditava em suas potencialidades.

Após estas reflexões tendo o filme como referência, acreditamos que é possível inverter a ordem e o aprendiz vencer seu mestre.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 22 jul. 2014.

BULGARELLI, R. **Inclusão e diversidade**. 2011. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/inclusao-e-diversidade>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

COMO ESTRELAS NA TERRA. Direção: Amole Gupte e Aamir Khan. Índia, 2007. DVD (165 min), drama, colorido, som.

FURASTÉ, P. A. **Normas técnicas para o trabalho científico**: explicitação das normas da ABNT. 17. ed. Porto Alegre: Dáctilo-Plus, 2014.

KHAN, A. **Como estrelas na terra**: toda criança é especial. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Resenha-Cr%C3%ADtica-Do-Filme-Como-Estrelas/90666.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MANTOAN, M. T. E. **A integração de pessoas com deficiência**: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon, 2003.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? porquê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

NÓVOA, A. A formação continuada entre a pessoa-professor e a organização da escola. **Revista do Instituto de Inovação Educacional**, Porto, v. 4, 1991.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda, 1990.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

UNESCO. Declaração de Salamanca. In: **Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais**: acesso e qualidade, Salamanca, Espanha, 7-10 jun. 1994.

VARELLA, D. **Dislexia**. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/crianca-2/dislexia/>>. Acesso em: 17 set. 2014.